

EM LISBOA, PARA VARIAR

Desta vez resolvemos falar de uma casa em Lisboa. Para variar. Fica para os lados de Campo de Ourique, encaixada entre outras casas, ao longo da rua, num local que já foi de indústrias e habitação operária, em tempos que já lá vão.

A casa tem, aliás, pormenores decorativos na sua fachada que são características das tipologias de habitação para operários da indústria dos finais do séc. XIX, muitas vezes realizada por industriais maçons (os tais pormenores são símbolos maçónicos), que constituem um património interessante desta cidade e de que são bons exemplos as “Villas” e “Pátios” ainda existentes.

São portanto casas bem portuguesas ou “de Portugal”, muito características na cidade e cuja preservação deverá ser incentivada, pela singularidade e pelo valor histórico e simbólico que contêm.

O projecto teve uma primeira forma na sequência da encomenda de um amigo e, depois, uma 2ª. – a que aqui se mostra – realizada para o actual proprietário, que entretanto a adquiriu.

É um programa simples, de casa de habitação unifamiliar, com dois pisos e sótão e um logradouro ajardinado no qual existe ainda um anexo para arrumos e lavandaria.

No piso térreo ficam a sala – ampla, aberta para o jardim no tardo, procurando captar tanta luz quanto possível – uma cozinha e uma instalação sanitária de apoio. No 1º. andar e no sótão ficam os quartos, casas de banho e respectivas áreas de arrumos.

A zona é um tanto ou quanto “encafuada” pelos prédios contíguos, pelo que a captação da luz natural se afigurou como aspecto primordial no projecto. Isto resolveu-se colocando 4 boas janelas, a par, na cobertura, para iluminar e arejar o sótão e com as aberturas francas, já mencionadas, na fachada do tardo, na zona da sala.

No projecto de renovação da casa suprimimos as lojas que existiam no piso térreo e procuramos simplificar a distribuição, criando espaços interiores mais amplos, mantendo o carácter da casa, no desenho e nos sistemas construtivos, tanto quanto possível, isto é: tanto quanto as actuais necessidades de conforto e os aspectos regulamentares nos permitiram.

O resultado final é uma casa simples, acolhedora, confortável que, apesar das vicissitudes inenarráveis que ocorreram durante a obra com um “construtor p’ra esquecer” (para usar a qualificação dos jovens arquitectos do atelier) cumpriu bastante bem com a nossa ideia, se não tanto no rigor construtivo, pelo menos no da concepção geral.

Admiro aliás a coragem e determinação dos Proprietários, desde logo por terem mantido sempre uma postura de civilidade, excepcional, durante a obra (pois, as obras não correm sempre às maravilhas! Mesmo com todas as precauções nos

projectos, cadernos de encargos, fiscalização, etc... - é o resultado de vivermos num país onde a Justiça não funciona como deve ser), mas admiro também a opção de vida num local que não sendo certamente dos mais “chiques” e muito menos estando na moda, é um local de plena vida urbana.

Numa época em que as pessoas das classes média e média-alta tendem a enclausurar-se nos “ghetos” das “Quintas” na periferia e agora até no centro da cidade, atirando com as classes baixas para os “caixotes” dos bairros sociais, com todas as consequências previsíveis, de que temos falado em artigos anteriores e que os recentes acontecimentos em Paris vieram comprovar, são de louvar as pessoas que, mesmo que com uma contribuição muito modesta, procuram remar um pouco contra a maré.

Claro que o problema não se resume a isso! É muito mais complexo! Mas também decorre dessa atitude de “meter a cabeça na areia” que caracteriza a nossa sociedade nos dias de hoje e de que este fenómeno de segregação urbana é um dos mais reveladores sintomas.

Melhores cidades e melhores tempos virão.

José Baganha